

Caros amigos

Nestes 50 anos do 25 de Abril, aqui estamos nós a celebrar o dia da nossa cidade, os 154 anos da nossa Covilhã que se abre, desde sempre, ao esplendor da luz do sol nascente, encostada nesta nossa Serra da Estrela.

Hoje é dia de festejar a aliança entre os covilhanenses e a sua cidade.

Um dia onde a magia cria em nós um entusiasmo arrebatador.

Um dia de continuar a acreditar que todos juntos fazemos um trabalho que é para todos, de todos e de cada um.

A Covilhã é uma cidade iluminada pelo nascer do sol pelo brilho que surgiu da comunhão com a natureza: do pastoreio, do trabalho da lã, iluminada pelo gosto do conforto dos panos, da moda que lhe conferiu e ainda confere a veracidade da frase... “e briosa vai pro tear”, uma luz própria e única e um sentido de urbanidade que nos distingue.

Assim nos imortalizou Amália Rodrigues também ela com raízes beirãs.

Mais um 20 de Outubro, mais um encontro, mais um ritual daqueles que conferem estabilidade à vida, que produzem uma comunidade, a nossa, um acontecimento que gera harmonia e ecos de ressonância entre todos, evitando a negatividade, evitando a solidão... como já aqui afirmei.

Estes atos simbólicos são o reconhecimento de nós mesmos, são a nossa herança, são a nossa memória.

Somos humanos e todos precisamos uns dos outros. Precisamos de rituais como precisamos de um lugar, como precisamos de uma casa. Estes ajudam-nos a encontrar a segurança, a estabilidade e o sentido da vida.

Festejamos hoje uma cidade por onde passaram gerações e gerações, usos costumes e tradições, saberes e saber fazer, legados de vária índole...

Mais um ano a festejar o dia da cidade.

E, se, todas as cidades, ao evoluírem, procuram uma ideia de si mesmas, a nossa tem, indiscutivelmente, uma identidade feita de homens e mulheres extraordinárias, nesta “flor agreste de cantaria onde sempre nasceu e nasce um novo dia”.

O nosso reconhecimento vai para todos os que fizeram e fazem a diferença: nas escolas, no campo, nas empresas, na educação, nas fábricas, no associativismo, no lazer, na política, no voluntariado. Uma palavra de coragem para todos os que lidam de perto com os mais vulneráveis: os doentes, os idosos e as crianças.

Agradeço penhoradamente, na pessoa do Senhor Presidente da Câmara Municipal da Covilhã, Dr. Vitor Pereira, o facto de celebrarmos esta data, neste salão Nobre, cujo teto reflete a identidade covilhanense.

Ali está ela! Um legado, uma herança, uma tradição que simboliza a Covilhã nos fios que a lã tece.

Os fios responsáveis pelo tipo de relações que, então, se estabeleciam e que devem continuar a estabelecer-se, agora num outro tempo, trazendo progresso e melhoria de vida para as populações, com paz, pão, habitação, saúde, educação como preconizava ABRIL e que felizmente, com algumas arestas para limar, a Covilhã é hoje uma referência.

Uma palavra de reconhecimento para todos os que vão ser homenageados. Parabéns para cada um e respetivas famílias.

Pacheco Pereira dizia há pouco tempo: o unanimismo dilacera a alma da democracia. É preciso mudar. É preciso sair da mesmice.

Nestes 50 anos do 25 de Abril, em ti Covilhã “continua a nascer o novo dia”, “com liberdade a sério pra mudar e decidir” como diz a canção de Sérgio Godinho.

Porque, embora com um sentido de identidade e raízes profundas, esta é, sem dúvida, a cidade das grandes transformações: cidade cosmopolita, multicultural, cidade de montanha, cidade musical, cidade rural dos caminhos da transumância, cidade tradicional e vanguardista, cidade antiga e jovem, cidade de trabalho, de estudo, de turismo, da arte urbana, da cherovia, do pastel de molho e da panela no forno, ~~do~~ ~~célebre bacalhau à Assis~~, cidade das artes várias, cidade da neve, cidade do melhor chá do mundo, fruto das águas puras da nossa Serra da Estrela, cidade do design e de tantas e tantas energias...

Aqui se fizeram e se comercializaram lãs, fios e tecidos, e aqui se continuam a fazer e a comercializar. Aqui se fizeram surrobecos, estambres e feltros, buréis e mantas, malhas, panos finos e grossos. Da Covilhã para o mundo...

Aqui foi a terra do queijo e do requeijão, e terra da ancestral feira dos **gados do vento**. A Covilhã fez-se, como sabemos, dos muitos cruzamentos da História, sabendo acolher credos, raças e etnias diferentes, como, aliás, tem vindo a acontecer.

Agradecemos a todos os que escolhem esta cidade para viver e estudar, porque reconhecem o modo sempre hospitaleiro dos covilhanenses.

Se os naturais somos por nascimento “covilhanenses” aos nossos conterrâneos de adoção diremos como disse ^{Jose} Saramago: “Somos muito mais filhos do tempo em que nascemos e vivemos/do que do lugar onde nascemos”.

E assim tem sido: uma capacidade de renovação em cada dia que passa. Com capacidade para abrigar quem nos procura.

Ora convergindo, ora divergindo, sempre a bem da construção da democracia e, em consequência, a bem das nossas populações – assim tem sido o ambiente vivido na Assembleia Municipal, a que ~~honradamente~~ ^{com muito honra} presido, casa da democracia, pois ali se assiste à proximidade do Estado com a população e ali se consubstancia o legado de Abril.

A minha gratidão vai para todos, sem exceção, e particularmente para os Presidentes de Junta que dia após dia combatem o silêncio e a solidão das populações, fruto, ainda, das sequelas do COVID e do envelhecimento que paulatinamente se instala como uma lei natural inexorável da vida.

Gratidão também para edil camarário pela amizade, pela disponibilidade, pela afabilidade e pela humanidade com que desempenha a sua nobre missão.

A ação dos poderes públicos deve ser acompanhada, em paralelo, com a de todos os que habitam a cidade e a região, numa atitude ativa e proativa, cuidando e preservando o espaço e o ambiente que é de todos nós, porque, sem o envolvimento dos moradores não há cidade nem região que resista.

“Não há liberdade a sério” enquanto estivermos prisioneiros de um combate que é de todos. Refiro-me, naturalmente, também, aos problemas das alterações climáticas, ao respeito pelo equilíbrio da natureza.

Assim se defende a herança do passado, preservando tudo o que é essencial para a nossa qualidade de vida do presente e do futuro.

A Covilhã hoje é uma cidade de múltiplas culturas, uma cidade universitária, uma cidade educadora e, por isso mesmo, uma cidade que tem grandes responsabilidades na formação do ser humano.

Temos um tecido comercial e empresarial ativo, assegurando postos de trabalho necessários e essenciais para as nossas populações.

Temos uma Universidade que cremos poder afirmar ser um dos grandes agentes de mudança na formação dos estudantes, preparando-os para os grandes desafios que se adivinham ao nível da sustentabilidade, da segurança, ao nível da promoção da igualdade.

Saúdo e congratulo-me pelo facto da UBI ser pioneira na formação de uma Comissão para a Igualdade.

A Universidade está na primeira linha na educação para o desenvolvimento das sociedades democráticas, para ajudar os nossos jovens a descodificar o que pode ser o futuro. A prepará-los não apenas como técnicos de excelência, mas como verdadeiros cidadãos.

Cabe à escola no seu todo – “Aos professores” – quanto a mim, as pessoas mais importantes e de maior influência na formação duma sociedade solidária – cuidar o tecido humano, praticando o ensino inclusivo, com ciência, evidentemente, mas com humanismo, com arte, com educação, com cultura e com sentido de elevação.

Cabe à escola e aos professores desenvolver quer nos grupos majoritários, quer nos minoritários, atitudes e comportamentos de pluralismo, que tenham em conta a compreensão de todas as culturas, visando igualdade de oportunidades, com um sentido de presença comum à Humanidade.

Temos serviços de saúde que apesar da distância aos grandes centros do litoral, Lisboa, Porto e Coimbra, procuram e têm conseguido colmatar lacunas ancestrais criando continuamente serviços clínicos mais diferenciados com grandes padrões de qualidade, únicos em cidades do Interior: Medicina da Reprodução, Imuno-hemoterapia, Neonatologia, Ortopedia diferenciada (Coluna, bacia, anca, joelho...), Cardiologia de intervenção etc.

E na saúde continuaremos a seguir o lema do nosso SNS: “Todos somos responsáveis por todos, o SNS não deixa ninguém de fora” independentemente da sua condição financeira.

O SNS é para ricos e é para pobres.

Porque, embora seja hoje um dia de festa, não podemos camuflar que os sinais do futuro são incertos e perturbadores. Tempos de crise, tempos de guerras que trazem tempos de medo e tempo de incerteza.

No discurso do ano anterior falei aos jovens e da necessidade de abraçarem causas em nome do bem comum. Hoje, atravessa todo o meu discurso a necessidade de formação dos jovens não apenas no campo das ciências e das tecnologias, mas na necessidade absoluta de uma formação para a tolerância e para o respeito por eles próprios e pelo OUTRO.

O século vinte foi o século das grandes explosões, que, felizmente, desaguaram em regimes democráticos, onde a sociedade podia ser mais ativa e mais interventiva. Era um sinal de liberdade.

Agora, neste século vinte e um, nós já somos protagonistas de uma mudança que, entre muitas coisas, cabe realçar: o mundo virtual. Um mundo que trouxe, quantas vezes, apatia e indiferença pelo que nos rodeia.

Olhamos, mas não vemos.

Evidentemente que não podemos autoexcluir-nos, mas não podemos esquecer que somos pessoas. E, se antevemos um futuro novo, diferente, onde os modelos do passado não nos servirão de exemplo, é bom que tenhamos competências para descortinar com antecipação os caminhos que poderão surgir.

É o pedido que deixo aos jovens.

Não podemos esquecer que as redes sociais trazem sociabilidade mas, não trazem socialização. E, neste momento, a solidão é um problema que preocupa as ciências médicas pois é um processo conducente a patologias do foro mental por vezes irreversíveis.

Esta solidão não é só a solidão das idades mais avançadas, dos idosos. Esta solidão é também a solidão dos mais novos.

Como diz Tolentino Mendonça: “A solidão dos mais novos é porventura, a mais submersa, a mais enigmática e confusa para os próprios sujeitos”.

E, como disse anteriormente nesta sala, a nossa sociedade é multigeracional.

E a solidão é de facto mais dolorosa quando é acompanhada de abandono daqueles que não conseguem satisfazer as suas próprias necessidades básicas sem a ajuda dos outros.

É compensador ver esta sala cheia e podermos estar aqui a festejar, todos juntos numa atualidade que infelizmente parece querer viver das videoconferências.

O virtual está a atingir um domínio assustador. As casas, antes lares de convívio, tornaram-se sítios de projeção. As pessoas vivem ^{numas lojas} apáticas e indiferentes ao que as rodeia. Esta apatia reflete-se na vida pública.

O Mundo mudou. Todos estamos cientes disso. Antes dialogava-se, trocavam-se impressões e ideias e cada um de nós saía mais enriquecido.

Hoje, no mundo da inteligência artificial, devemos ser curiosos constantes para sabermos lidar com esta novidade. Há especialistas que dizem que as sociedades podem morrer pelo silêncio.

Hoje é dia de festa, dia do encontro, dia de nos cumprimentarmos e saudarmos, de nos respeitarmos uns aos outros, porque somos seres humanos, porque socializar faz de nós pessoas verdadeiras, porque os gestos de cortesia têm um poder positivo sobre os nossos pensamentos, fazendo de nós melhores pessoas, pessoas que sabem estar com elevação.

Hoje é dia de celebrarmos o que fomos, o que somos e com plena consciência de questionarmos o futuro, porque tenho a certeza que será o que nós quisermos.

Termino como diz o poema de Jorge Luís Borges: “Eles decidiram esquecer as suas diferenças e acentuar as suas afinidades” ou, à portuguesa, como canta Rui Veloso “É muito mais o que nos une do que aquilo que nos separa”.

VIVA A COVILHÃ

Viva o Interior

Viva Portugal

© P A M

João Castilheiro
